

POESIA E PROGRAMAÇÃO: O MULTIFACETADO USO DO CONCEITO DE “LINGUAGENS” NA ARTE POR MEIO DO PROJETO LABORATÓRIO DE LINGUAGENS DO PANTANAL¹

Gabriel Bittar Domingues²

Lucas Sá de Assunção³

Lucas Henrique de Oliveira Lopes³

Resumo: O propósito do artigo que segue é apresentar resultados oriundos de projeto de iniciação científica intitulado “Laboratório de Linguagens do Pantanal”, desenvolvido com o apoio da Fundect/MS. O projeto teve como objetivos: i) investigar temáticas relacionadas à poética de Manoel de Barros; ii) estudar linguagens de programação e ferramentas de desenvolvimento web; iii) criar um website em que se pudesse divulgar o conhecimento acadêmico e científico obtido por meio do projeto ao público amplo, de maneira a combinar tais conhecimentos com uma estética que fizesse referência à obra de Manoel. Os artigos, que são frutos do projeto, foram então condensados e inseridos neste artigo único. O primeiro tem por intuito a discussão de temáticas de base filosófica para a leitura da poesia de Manoel de Barros, identificando uma poesia que quebra paradigmas sociais e subverte normas gramaticais, colocando a linguagem em evidência. Já o segundo tema abordado vai no sentido do questionamento sobre a maneira com que Manoel de Barros com o tempo se intitulou vagabundo profissional, e sobre a sua maneira de ver arte em coisas que não tinham significado para um padrão artístico, criticando de maneira sutil a formalidade e a razão que os críticos tendem a usar em relação a arte, deixando de lado muitas das vezes o modo simples das pessoas se expressarem e mostrarem seus sentimentos através de diversas formas de expressão artística. Este artigo segue a metodologia de revisão bibliográfica em artigos e livros e outros materiais referentes às temáticas abordadas. Os resultados foram organizados e publicados no website www.conhecendomanoel.com, aberto ao amplo acesso público.

Palavras-chave: Filosofia; Iniciação Científica; Manoel de Barros; Poesia; Programação Web.

Abstract: The purpose of the article that follows is to present results from a scientific initiation project entitled “Laboratório de Linguagens do Pantanal”, developed with the support of Fundect/MS. The project had the following objectives: i) to investigate themes related to the poetry of Manoel de Barros; ii) to study programming languages and web development tools; iii) create a website where the academic and scientific knowledge obtained through the project could be disseminated to a wide audience, in order to combine such knowledge with an aesthetic that made reference to Manoel’s work. The articles, which are the result of the project, were then condensed and inserted into this single article. The first is intended to discuss

1 Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).
2 Doutorando em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Letras/Linguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: <gabrielbittardomingues@gmail.com>.
3 Bolsista de Iniciação Científica do Projeto PICTEC/MS pela Fundect. cursando ensino médio na Escola Estadual Joaquim Murtinho de Campo Grande em Mato Grosso do Sul.

philosophically based themes reading the poetry of Manoel de Barros, identifying a poetry that breaks social paradigms and subverts grammatical norms, putting language in evidence. The second topic addressed goes towards questioning the way in which Manoel de Barros, over time, he called himself a professional vagabond, and about his way of seeing art in things that had no meaning for an artistic standard, criticizing in a subtle way the formality and reason that critics tend to use in relation to art, often leaving aside the simple way people express themselves and show their feelings through various forms of artistic expression. This article follows the methodology of bibliographic review in articles and books and other materials related to the themes addressed. The results were organized and published on the website www.conhecendomanoel.com, open to wide public access.

Keywords: Philosophy; Scientific Initiation; Manoel de Barros; Poetry; Web Development.

INTRODUÇÃO

Com o advento das linguagens de programação, o campo da arte ganha uma nova possibilidade de atuação. A noção de linguagens, inflacionada, vai muito além de transmitir uma mensagem clara fazendo uso de palavras ordenadas. O website desenvolvido neste projeto (Cf.: www.conhecendomanoel.com) traz justamente uma costura entre diferentes tipos de linguagens para conversar com o usuário. Essa conversa ocorre desde a escolha das cores até os textos em que se pode ler e conhecer sobre a poesia de Manoel de Barros.

O projeto em questão incentivou a pesquisa em duas áreas distintas das linguagens: a da poética e a da programação. Com a base consolidada nessas duas áreas, os pesquisadores puderam desenvolver o projeto integrador, que é o website apresentado, no qual constam produções artísticas e teóricas desenvolvidas ao longo da vigência do programa de iniciação científica. A discussão trazida por Lucas Sá (capítulo 2) é o resultado de investigação filosófica que versa sobre temáticas de importância fundamental para qualquer discussão contemporânea tanto poética quanto filosófica, a saber: as noções de ‘verdade’ e ‘invenção’, e como essas duas se conversam na obra de Manoel de Barros. Sua proposta está alinhada a uma perspectiva pós-moderna e é influenciada por leituras de obras de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, dentre outros.

Já quanto às temáticas trazidas por Lucas de Oliveira (capítulo 3), tocam uma noção estética que pode servir como linha guia para a leitura da poética manoelina: o conceito de ‘vagabundo profissional’. O que é ser ‘vagabundo profissional’, e por que Manoel de Barros assim se autodenominou? – Tais questionamentos são a ponta do novelo para descobrir um Manoel não moderno, não pós-moderno, mas anticanônico, não tradicional, um Manoel que não se importa senão com o ínfimo. Lucas também trabalha suas investigações partindo de uma problematização da epistemologia clássica, partilhando assim de entendimentos pertinentes à pós-modernidade e propondo a aproximação entre Manoel de Barros e o conceito de ‘filósofos do futuro’, formulado por Nietzsche, no qual o filósofo do futuro não é meramente um ‘descobridor de conceitos’, mas antes um ‘inventor’ que cria sua própria verdade para si mesmo, não esperando com isso que seja seguido por outros.

UMA ANÁLISE DE MANOEL DE BARROS: EXISTE VERDADE SEM INVENÇÃO?

Este capítulo tem como objetivo mostrar como a poesia de Manoel de Barros é inovadora, quebrando paradigmas sociais por meio da sua forma icônica e subversão das normas gramaticais e semânticas,

relacionando a importância da linguagem na transmissão e disseminação de normas sociais, e como esses padrões influenciam na propagação de preconceitos arbitrários, que abrangem a sociedade como um todo, e que, ainda de maneira sutil, alcançam todos os âmbitos da sociedade, demonstrando como a linguagem é um fator primário na disseminação desses paradigmas. Através dos estudos da poesia, literatura e filosofia, aprofundados no âmbito da linguística, conclui-se que as normas sociais surgem primariamente do advento da linguagem, através das relações entre o significado e significante, que levam à visão binária, de verdade e mentira, belo e feio, arte e não-arte, em que se fundamenta a sociedade ocidental atual. Aponta-se como solução para esse dilema, a arte em si, que é a criação propriamente dita. Através da arte, as fronteiras entre o imaginário e o factual, o verdadeiro e o belo, tornam-se sublimes, até mesmo inexistentes. E isso quer dizer, não a arte em um sentido fechado, sequer definindo a arte como uma coisa só, mas somente a dádiva da vontade humana, a vontade de ser mais do que se era antes, a vontade de não se deixar limitar. A arte é um dom da vida, pois é através dela que nos tornamos tudo que somos hoje.

2.1 A transvaloração através da forma

Uma das características mais marcantes da poesia de Manoel de Barros é a sua desconsideração pelas regras semânticas e gramaticais. Justamente porque o trabalho de um poeta é de criar e achar novas perspectivas e interpretações nas palavras, tornando-as mais do que somente representações de semblantes imutáveis. O poeta é, essencialmente, um rebelde. Porque é através da quebra das regras, dos sentidos previamente estabelecidos, que se dá a arte. É somente através da reflexão sobre que é verdadeiro, que se pode aproximar do que é ou deixa de ser verdade.

Manoel utiliza muito da quebra de expectativa em seus trabalhos para demonstrar a real capacidade de criação que a poesia tem, nos fazendo imaginar sentidos inéditos em situações cotidianas.

“Nasci para admirar o à-toa
o em vão
o inútil.
Pertencço de fazer imagens.
Opero por semelhanças.
Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc etc.
Retiro semelhanças de árvores comigo.
Não tenho habilidade para clarezas.
Preciso de obter sabedoria vegetal.
(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)
E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.”
(BARROS, 2004a, p. 51)

E é nessa distorção de sentidos que se encontra a subversão do esperado. Não pelo uso “incorreto” das palavras, mas sim pela imposição que essa subversão acarreta. Manoel tem um apreço muito maior pelas coisas pequenas, do que pelas imensas.

“Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras

fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.”
(BARROS, 2012, p. 34)

Essa prioridade sobre as coisas rasteiras demonstra uma indignação do Manoel com a sociedade. A importância das coisas gigantes, brilhantes, caras, complexas, sobre aquelas ínfimas, simples e abandonadas, nada mais é que um preconceito. Uma categorização puramente artificial e sem valor real, a não ser para a justificação do desprezo arbitrário de artifícios; nesse caso, a simplicidade.

Esse favorecimento pode ser observado cotidianamente, é considerado a regra da atualidade: o caro tem superioridade sobre o barato, o belo sobre o feio, o complexo sobre o simples. E tal fenômeno abrange todas as partes da sociedade; incluindo a arte: quando a poesia é considerada somente aquela rigidamente estruturada, tendo um número certo de sílabas em todo verso, com rimas prazerosas; quando a pintura é só aquela que retrata fidedignamente uma paisagem, estruturas simétricas e proporcionais, com cores harmoniosas.

Todas essas regras, são meras criações, sem relação nenhuma com realidade. Utilizadas simplesmente para reforçar padrões e normas preferidos pela sociedade.

O preconceito com a simplicidade é o preconceito também com a liberdade. Pois, é através dessas concepções, que se leva à exclusão, ao desprezo e ao abandono que assolam a sociedade, o preconceito de qual Manoel fala.

“poderoso pra mim não é aquele que descobre o ouro.
para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)
por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
fiquei emocionado e chorei.
sou fraco para elogios.”
(SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008)

2.2 A arte da criação

Todos esses padrões, que nos são apresentados desde sempre, e nos são reforçados pela cultura, nos levam a acreditar que são os corretos. Nos levam a acreditar que existe uma “maneira certa” de pensar, de ver e de sentir o mundo. Mas isso pode ser facilmente refutado com não muito esforço – basta reparar na individualidade humana. Toda pessoa por necessidade, experencia o mundo de maneira diferente. Mas, apesar da particularidade de cada um, ainda estamos restritos a influências em comum, o que pode nos levar a deixar de lado nossa singularidade em prol da adequação à verdade.

A adequação não é necessariamente ruim, mas pode nos limitar. Pois, é através da quebra do estabelecido que vem a inovação, que se pode se tornar mais do que se podia imaginar, que se pode imaginar além do que se pensava; é necessário transver o mundo, segundo Manoel:

“[...]
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
Só a alma atormentada pode trazer para um formato de pássaro.
A arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
[...]”
(BARROS, 2004a, p. 75)

É por meio da criação, da *desformação*, que se dá a arte. É esse processo de ir além do que já existe, *transvendo* o mundo. Como diz Souza (2010, p.17):

“Atingir o deslimite não significa destruir-se ou negar-se. Ao contrário, é o limite que destrói a invenção que se pode e se deseja. O deslimite, portanto, é uma experiência com a Vida, e não com a morte (nos vários sentidos que essa palavra pode ter).

[...] A essência de tal experiência é exatamente como nos ensinar a alargar a compreensão do que seja poesia, como faz Manoel de Barros, para que vejamos em todas as coisas que, rompendo com seus limites, deixam ver a Vida.”

É por essa contravenção da forma, que se dá a inovação, que se dá a liberdade dos estigmas presentes na linguagem e na cultura.

“eu tenho uma ânsia de não fazer lugar comum, uma ânsia de dar novos comportamentos às coisas, as frases [...] o poeta que transfigura as coisas; eu sou capaz de fazer coisificação do humano, humanização das coisas, a vegetalização do ser humano, dos bichos... isso é o caminho da minha poesia e eu faço muito isso”

(SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008)

2.3 O significado da significação

“Poesia é voar fora da asa” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008).

A liberdade que a arte provém nos permite visar outras perspectivas antes fora de nossa concepção, aumentando nossa capacidade de observar e sentir o mundo de diferentes maneiras, essas perspectivas nos levam a entender que, assim como a arte é criação, os parâmetros de julgamento nos quais a sociedade se estabelece são também apenas inventados, e que o valor dado à “verdade” foi estabelecido unicamente por nós, como um todo, que permitimos que essa “verdade” seja a única permitida. Portanto, cabe somente a nós também, decidir se manteremos o *status quo* ou partiremos para uma outra verdade.

O privilégio da razão, tão proveniente na sociedade atual, nos leva a uma visão limitada das coisas e à banalização do sentimento humano, de suas vontades e de suas verdades pessoais – as perspectivas únicas que cada pessoa tem, por virtude inerente de serem únicas.

“Eu acho que a poesia foge muito da explicação. Não gosta de ser explicada. Poesia que é explicada deixa de ser poesia pra mim. Começa a ser prosa, começa a ser instrumentado pela razão; a razão é a última coisa que deve entrar na poesia” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008).

Manoel de Barros argumenta que razão e poesia não coincidem, mas pode-se ver de uma maneira diferente: a razão de qual Manoel fala, é aquela da forma, das regras, dos limites; mas a razão não se resume a isso, muito pelo contrário. Irracional é justamente a desvalorização das múltiplas perspectivas possíveis sobre qualquer coisa, a ignorância se baseia justamente na arrogância de que há um pensamento “certo” ou “superior”. Pode-se então argumentar que, a poesia é tanto quanto, se não mais razoável, que a prosa.

“Poeta não tem compromisso com a verdade
senão que talvez com a verossimilhança
quem descreve não é dono do assunto
quem inventa é” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008)

Mas, afinal: o que é a verdade então? Se não passa de uma construção, o que faremos com isso?

Essa pergunta não pode ser respondida pois, no seu enunciado, já pressupõe que a verdade tem que ter uma finalidade, o que também é somente mais uma invenção; portanto, a resposta seria: não há resposta.

“Noventa por cento do que escrevo é invenção
só dez por cento é mentira”
(SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008)

VAGABUNDO PROFISSIONAL, SER OU NASCER?

Poetas vão além de suas poesias e sempre buscam passar aquilo que sentem, mas muitas das vezes são presos em tentar manter a razão e seguir padrões de escrita, tentando transformar coisas boas em grandiosas, diferente de Manoel de Barros que foca em demonstrar a maneira que sente as coisas, mostrando o valor das insignificâncias, tendo o intuito de desfazer os padrões sejam eles na escrita ou na razão, buscando trazer a importância até mesmo nas miudezas. Portanto os tópicos do artigo têm como objetivo aprofundar essas ideias i)A maneira como Manoel de Barros se intitulava “vagabundo profissional” e o porquê disso, mostrando a maneira como ele vivia, via e sentia as coisas, as miudezas, aquilo que era valorizado por ele. ii)Sendo assim trazendo a ideia que Manoel de Barros pode ser considerado filósofo, por ter sua verdade consigo e muitas das vezes influenciar as pessoas a considerar também essa verdade. iii) Com tudo Manoel também nos mostra em suas poesias a maneira que ele criticava sutilmente a escrita formal e as ideias morais e racionais.

Vagabundo Profissional, Ser ou Nascer? – a poesia de Manoel

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916. Passou a infância na fazenda da família localizada no Pantanal, sendo um dos principais momentos no tempo de sua vida que ele relembra para escrever suas obras.

Manoel de Barros em sua entrevista para o documentário *Só Dez por Cento é Mentira*⁴ dizia que “ficar a toa é ficar à disposição da poesia, então eu comprei o ócio, e aí que eu pude ser o vagabundo profissional como eu sou agora” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008), ele se intitulava dessa maneira, pois ele inventava aquilo que escrevia e também escrevia de maneira livre dando sentimento àquilo que ele queria. Também ficou muito conhecido por poeta das miudezas, pelo minimalismo que ele via nas coisas pequenas e sem importância.

Sua infância nos mostra seu modo de viver e a maneira como contemplava aquilo que inventava, ou seja, Manoel já se mostrava vagabundo profissional desde sua infância, porém só foi se intitular o mesmo depois de mais velho, pois desde pequeno Manoel já usava do seu “idioleto manoelês” dito em seu Livro Sobre Nada “Escrevo o idioleto manoelês arcaico (idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável que o solene...” (BARROS, 2004a, p.43).

Em seu Livro Sobre Nada ele cita um pouco da sua infância simples e o fato de não ter tido muitas coisas, tudo que tinha se desfazia do tradicional e realmente dava vida aos sentimentos usando o “idioleto manoelês”, como por exemplo, quando ele diz:

“A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.
O truque era só virar bocó.
1.
As coisas tinham para nós uma inutilidade poética.
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso saber.
A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.
O truque era só virar bocó.
Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol...
O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava um rio inventado.
O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.
Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor diminuído só para ele voar parado?
As distâncias somavam a gente para menos. O pai campeava campeava.
A mãe fazia velas.
Meu irmão cangava sapos.
Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele virava uma pedra.
Fazia de conta?
Ela era acrescentada de garças concluídas.
2.
O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente - ele falou:

Só quase que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o araquã.
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio de suspensórios e ademanos.
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam caranguejos.
E era mesma distância entre as rãs e a relva.

4 Cf.: SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008.

A gente brincava com terra.
 O doutor apareceu. Disse: “Precisam de tomar anquilostomina.
 Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.
 O doutor espantou as rolinhas.” (BARROS, 2004, pp. 11 - 12)

Associamos isso claramente em Manoel de Barros e seu jeito de viver, pois entendemos que onde nada havia, havia Manoel para inventar e que o nada em que Manoel cresceu faz ele despertar o sentimentalismo⁵ das coisas e mostra que são apenas o nada até alguém fazer desse nada, tudo.

Portanto, vemos que não nascemos vagabundos profissionais, mas que a vagabundagem profissional nasce em nós. Muitas das vezes, as pessoas levam a vida em uma rotina tão comum e moral, que não veem as coisas ao redor e o sentimento valioso que há nesses pequenos detalhes, interpretando o mundo a partir do senso comum e colocando-as sempre no lugar delas usando a razão, como ocorre em uma das memórias de Manoel. Em sua infância, claramente Manoel de Barros dá sentimento a uma enseada que dava uma volta em sua casa, colocando no lugar dela a imagem de uma cobra de vidro. Após um homem simplesmente colocar a razão e estragar essa visão de Manoel sobre a enseada, reduzindo a cobra de vidro a algo sem graça, sem sentimento.

“O rio que fazia uma volta
 atrás da nossa casa
 era a imagem de um vidro mole...
 Passou um homem e disse:
 Essa volta que o rio faz...
 se chama enseada...
 Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
 que fazia uma volta atrás da casa.
 Era uma enseada.
 Acho que o nome empobreceu a imagem.” (BARROS, 2004b, p.8)

Dessa forma entende-se que “vagabundagem profissional” é uma visão criada para ver além da simplicidade, das miudezas, pois é visto que quando não nos apegamos à matéria e à razão das coisas, fica muito mais fácil de ver seu lado minimalista.

De poeta a filósofo

Manoel de Barros dizia que não tinha inspiração, mas que ele apenas era ele e colocava no papel o que ele sentia, assim como ele diz em um livro que tem a maioria de suas entrevistas:

“Lapido os poemas. Não acredito em inspiração. Primeiro anoto tudo em meu pequeno caderninho, juntando minhas experiências existenciais e linguísticas. Quando termina essa fase, que dura dois, três, quatro anos, vou ao caderno para catar os poemas e dar-lhes a forma definitiva. Escrevo a mão e a lápis. Jamais rabisco; uso borracha e desmancho. Escrevo as coisas, junto durante algum tempo, e depois cato os trechos e monto o poema. Para o novo livro, por exemplo, criei o poema *Jogo de amar* em 12 partes. O trabalho do poeta é esse” (BARROS, 2010, p. 138-139).

“Pra mim a poesia vem devagar devagarinho. Saco os versos da casca em que existo a torquês. Nunca entendi os arroubos da inspiração. Pra mim inspiração é como dor-de-corno. Provoca arroubos quase sempre subliterários” (BARROS, 2010, p. 161).

5 Entendemos por “sentimentalismo” a livre criação de Manoel de Barros. Esta, por sua vez, livre da racionalidade e da metafísica. “Sentimentalismo”, aqui, portanto, não faz referência apenas a uma disposição de ordem emocional do poeta, mas a uma perspectiva de (re)construção de mundo a partir de sentimentos.

“Não escrevo por inspiração. E nem sei bem o que seja inspiração. Eu escrevo por excitação” (BARROS, 2010, p. 170).

Portanto apenas usa daquilo que ele acredita para escrever suas poesias, fazendo apenas do seu jeito, independente da ordem, ele faz e desfaz sem ligar para aquilo que é considerado “certo” ou “errado”.

Desse modo isso vai de acordo com a maneira com que Friedrich Nietzsche pensava, a maneira que ele criticava e como ele ia contra a “verdade”, e entende-se de acordo com Nietzsche que Manoel poderia ser considerado também um filósofo pois ele diz em sua famosa obra “Além do Bem e do Mal” que:

“Serão amigos da “verdade” esses filósofos do amanhã? Possivelmente, pois todos os filósofos foram amigos das suas verdades. Mas, não serão certamente, pensadores dogmáticos. Deve-se renunciar ao mau gosto de querer estar de acordo com um grande número de pessoas. O que é bom para mim, não é bom para o paladar do vizinho. E como poderia haver um “bem comum”? Esta frase encerra uma contradição. O que pode ser desfrutado em comum é sempre coisa de baixa, definição, de pouco valor. Enfim, as grandes coisas estão reservadas para os grandes espíritos, os abismos para os espíritos profundos; as delicadezas e os calafrios reservados aos refinados, em resumo raridades para os raros” (NIETZSCHE, 1992, p. 47).

Sendo assim Nietzsche acreditava em novos filósofos que teriam suas próprias verdades sem que as pessoas fossem obrigadas a acreditar, mas pelo menos o autor teria essa “verdade” com ele.

Dessa maneira Manoel de Barros além de poeta pode ser considerado filósofo, pois o seu conceito de “vagabundagem profissional” é como uma perspectiva, uma proposta de quebra epistemológica, de afastamento em relação aos espaços tradicionais da razão, que mostra a verdade que ele acredita. Traz também com essa verdade uma quebra da moral em relação à maneira comum vista através da “verdade”.

Manoel com a sua maneira de ver a realidade que vivia, lembrava ou inventava, fazia uma crítica direta ou indireta em relação à moral imposta pela sociedade como um todo, e independente de onde estivesse ele levava isso com ele.

“Mas o que eu gostaria de dizer é que o chão do Pantanal, o meu chão, fui encontrar também em Nova York, em Paris, na Itália etc. Contarei adiante umas historinhas sobre essas passagens pelas estranhas, que comprovam de certa forma o gosto por nadeiras” (BARROS, 2010, p. 61).

“Então quero dizer que os meus viveres citadinos, ou civitantes, estão sempre cheios de um ver envesgado, cheio de vozes de rios e de rãs em minha boca”. (BARROS, 2010, p. 62).

Dessa forma faz com que suas obras e sua vida se tornem admiradas pelas demais pessoas que entendem o lado de Manoel, e muitas das vezes continuam seguindo com essa filosofia de vida, assim como o Paulo e Danilinho, que aparecem no documentário *Só Dez por Cento é Mentira*⁶, onde Paulo pega objetos considerados inúteis e dá valor a eles colocando em evidência o sentimento que ele possui por aquilo usando o “idioleto manoelês” para isso, criando objetos como a fivela de catar silêncio, o prego que farfalha, o esticador de horizonte e o aparelho de ser inútil. Paulo diz que “quando eu resolvo dar forma em abridor de amanhecer... aí eu vou fico um tempão lá mexendo, aí no outro dia quando eu penso na palavra abridor de amanhecer, a palavra já acordou de outro jeito, já amanheceu diferente, aí eu olho pro que eu fiz e já quero fazer outra coisa” (SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008). Mostrando o sentimento daquele momento, e também a junção desses sentimentos para a criação de algo. Ou também como Danilinho que foi despertado por Manoel de Barros que chegou até ele e afirmou para ele que ele era artista, e valorizou seu estilo artístico, que algumas pessoas desvalorizavam. E também havia Salim que aparece no documentário, dizendo que há

⁶ ⁷ Cf.: SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA, 2008

muita curiosidade sobre Manoel em Corumbá e que as pessoas querem saber tudo do poeta e é ele quem mostra os lugares que tem na poesia de Manoel como “o morro que entorta a bunda da paisagem” entre outros locais citados na poesia.

A crítica do “vagabundo”

Manoel de Barros sentia suas poesias como já dito anteriormente, e com isso ele leva a ideia de desfazer regras das escritas mesmo que de maneira indireta e crítica em relação as normas usadas, como era escrita usada antigamente para escrever poesias, por exemplo como “Os lusíadas” que mostra uma poesia decassílabo heroico, pois se for feita a escansão poética nos versos dessa estrofe, cada verso teria dez sílabas.

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram (CAMOES, 1916, p. 49-50).

Sendo assim temos também esse exemplo dessa poesia octossílabo, pois se for feita a escansão poética em cada verso dessa estrofe vemos que há oito sílabas em seus versos.

“Rafael
Ressoa o sol no canto alado
Dos orbes no infinito espaço,
E seu percurso pré-traçado
Vence com majestoso passo.
Anima os anjos a visão
De inescrutável harmonia:
Da obra máxima a imensidão
Pasma, qual no primeiro dia.” (GOETHE, 2011, p.47)

Portanto, analisando também a poesia de Manoel de Barros:

“Sentado sobre uma pedra estava o homem
desenvolvido a moscas.
Ele me disse, soberano:
Estou a jeito de uma lata, de um cabelo, de um
cadarço.
Não tenho mais nenhuma idéia sobre o mundo.
Acho um tanto obtuso ter idéias.
Prefiro vadiagem com letras.
Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto
é branco o silêncio do orvalho.” (BARROS, 1998, p.15)

“V Formigas carregadeiras entram em casa de bunda” (BARROS, 2004, p. 5).

As citações acima mostram que Manoel de Barros não se importa com os padrões que as poesias e a literatura, de forma geral, carregam consigo, assim ele apenas escreve, como quem mostra aquilo que acredita, vive e sente em suas poesias, sempre valorizando as miudezas, as coisas fúteis, e diferentes.

“Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.” (BARROS, 2012, p.34)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem o intuito de encerrar as discussões pertinentes, mas justamente buscando ir no sentido da expansão do arcabouço teórico acerca da poética de Manoel de Barros, este artigo, fruto de pesquisa de iniciação científica, pôde apresentar perspectivas de interpretação dos textos abordados, apontando por fim para uma nova possibilidade de divulgação desse conhecimento acadêmico, que é o website desenvolvido em conjunto pelos autores.

As abordagens, tanto a filosófica quanto a que coloca em questão a temática de Manoel se entendendo como vagabundo profissional, são maneiras de (re)pensar essa produção poética que faz parte do conjunto de elementos culturais do Estado de Mato Grosso do Sul. Essas formas outras de pensar essa poesia não a limitam a interpretações que a reduzam apenas a “poesia do pantanal”, que limitem a imagem de Manoel a “poeta ecológico”, como ele mesmo apontava não ser o caso de sua produção. Pelo contrário, o objetivo foi mostrar como sua poesia é atemporal e maior do que qualquer abordagem teórica que se possa fazer.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004a.
- BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda., 2012. 57 p.
- BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004b.
- BARROS, M. de. **Retrato do Artista Quando Coisa**. Cidade: Ed. Record, Rio de Janeiro, 1998.
- BARROS, M. de. Entrevistas. In: MÜLLER, Adalberto (org.). **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda., 2010. 176 p.
- NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz Ltda, 1992. 271 p. Tradução de Paulo César de Souza
- CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas**. 2. ed. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1916. 716 p.
- Goethe, J. **Fausto I**. Tradução: Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2011
- SOUZA, E. L. L. de. **Manoel de Barros: a poética do deslimite**. Rio de Janeiro: 7Letras. 2010.
- SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA**. Direção: Pedro Cezar. Produtora: Artesanato Eletrônico. 2008. 81 minutos. Disponível em: <<https://vimeo.com/176694033>> Acesso em 07 de setembro de 2021.